

OIKOS

Introdução à diversidade religiosa



VEDADA, NOS TERMOS DA LEI, a reprodução TOTAL ou PARCIAL DESTE LIVRO,
POR QUALQUER MEIOS, SEM AUTORIZAÇÃO, POR ESCRITO, DA EDITORA.

1ª EDIÇÃO, 2024

CEPRIR

ceprir.org

FACEBOOK: @CEPRIR.EDU

INSTAGRAM: @CEPRIR_EDU

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

OIKOS [livro eletrônico] : introdução à
diversidade religiosa / coordenador Fábio
Rodrigo Ferreira Nobre. -- João Pessoa, PB :
Fábio Rodrigo Ferreira Nobre, 2024.
PDF

Várias autoras.
Bibliografia.
ISBN 978-65-01-01190-5

1. Diversidade religiosa 2. Religião - Aspectos
socioculturais 3. Tolerância religiosa I. Nobre,
Fábio Rodrigo Ferreira.

24-204978

CDD-270.09171246

Índices para catálogo sistemático:

1. Tolerância religiosa : História da religião
270.09171246

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

PROJETO DE EXTENSÃO

DIK05

TOLERÂNCIA RELIGIOSA COMO
INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DA PAZ

PROJETO DE EXTENSÃO

OIKOS

TOLERÂNCIA RELIGIOSA COMO
INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DA PAZ

ESTE MATERIAL É RESULTADO DE PROJETO DE EXTENSÃO E FOI FINANCIADO
PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB), ATRAVÉS DO EDITAL
001/2023/PROEX/UEPB (PROGRAMA DE CONCESSÃO DE BOLSAS DE EXTENSÃO -
PROBEX) - COTA: 2023/2024

EQUIPE INTEGRANTE DO PROJETO

"OIKOS - TOLERÂNCIA RELIGIOSA COMO INSTRUMENTO DE CONSTRUÇÃO DA PAZ"

ALUNA BOLSISTA:

ANA KAREN PEREIRA SOUSA FRANCO

INTEGRANTES VOLUNTÁRIAS:

AMANDA SOARES CUNHA

ALESSANDRA LIMA DA FRANÇA

BARBARA STEPHANE SOARES DE SALES

BRUNA SOUZA PEDROLA

LAÍS ASSIS GONÇALVES DE JESUS

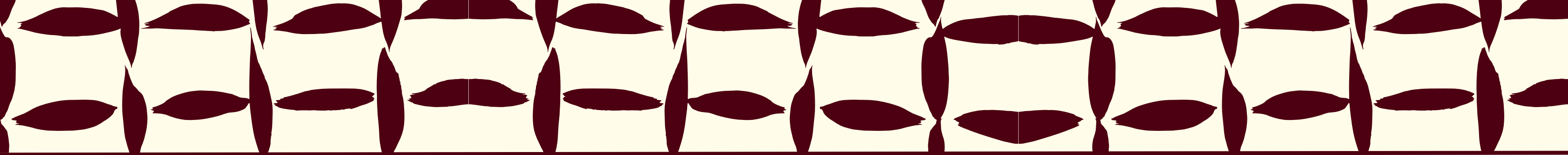
MARIA EDUARDA LIMA SILVA

MARIA LUIZA SILVA LIMA VERDE SANTOS

COORDENADOR DO PROJETO:

FÁBIO RODRIGO FERREIRA NOBRE





Prefácio

A experiência religiosa tem caráter individual e coletivo e está presente na humanidade desde os seus primórdios. Podemos supor que os rituais, as cerimônias e o culto aos fenômenos naturais são eventos já expressos nas civilizações pré-históricas. Portanto, podemos considerar a religião, assim como a religiosidade, como produções humanas que incluem fatores culturais e sociais e geralmente estão associadas à associação do ser humano com o que considera sagrado ou divino. No entanto, o livre culto ao sagrado ou a expressão de crenças e práticas religiosas nem sempre foi considerado um direito. Isso significa que, por muito tempo, em certas sociedades, pessoas ou grupos simplesmente não conseguiam acreditar no que queriam. O reconhecimento da liberdade religiosa como direito fundamental é relativamente recente, não só no Brasil, como no mundo.

Afirmar que a religião tem uma essência única, imutável e inerentemente violenta não é correto. Crenças e práticas religiosas idênticas inspiraram caminhos diametralmente opostos. A violência religiosa moderna não é um problema externo, faz parte da passagem do seu tempo. Criamos um planeta interconectado. Apesar de perigosamente polarizados, estamos mais unidos do que em qualquer momento anterior. (ARMSTRONG, 2016).

Com esses ideais, o OIKOS surge como um Projeto de Extensão, que visa promover o acesso à informação e a cultura religiosa, divulgando e popularizando o conhecimento cultural e de educação religiosa que envolvem a comunidade, buscando fomentar e diminuir os estereótipos em torno de algumas religiões.

Um Projeto de Extensão é caracterizado por distribuir o conhecimento acadêmico e científico além dos limites da instituição e beneficiar a comunidade externa. Assim, o respectivo projeto foi desenvolvido seguindo as normas delimitadas pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Estadual da Paraíba, intitulado como OIKOS - Tolerância Religiosa como Instrumento para a Construção da Paz. Dentro das limitações da extensão, o OIKOS discutiu, pesquisou e capacitou seus integrantes para a construção de uma comunidade menos intolerante e mais aberta às portas da educação.

Como parte importante do seu projeto, foi elaborada a presente cartilha que reúne os conhecimentos adquiridos no projeto e disponibiliza um material didático que possa beneficiar a comunidade. Esse material tem o intuito de guiar e iniciar os estudos voltados para a religião, esclarecendo os principais pontos que podem interessar um leitor na educação religiosa. Esboçando características básicas e ideias norteadoras de diversas religiões sob a ótica de um leitor que pouco conhece sobre as variadas formas de expressões de fé do mundo.

Por Ana Karen Pereira Sousa Franco





Sumário

Introdução

Religiões abordadas:

01. O Candomblé

02. A Umbanda

03. O Islamismo

04. O Espiritismo

05. O Catolicismo

06. O Protestantismo

07. O Judaísmo

Referências

Introdução

Compreender para Coexistir: Algumas Palavras Sobre a Tolerância Religiosa e a Construção da Paz

Quando se aborda a questão dos conflitos, sejam eles de natureza pessoal, intergrupar ou entre Estados, comumente se evoca uma conotação negativa, associada ao sofrimento e à violência. No entanto, é essencial distinguir o conflito da violência, reconhecendo que "o conflito é uma parte normal das interações humanas e serve como motor de mudança" (Lederach, 2012, p. 16). Nessa perspectiva, é pertinente compreender que a violência pode ser um desdobramento não construtivo de um conflito, sendo percebida como uma estratégia ou ferramenta adotada quando as partes envolvidas não conseguem conceber alternativas para a resolução do problema em questão (FISAS, 2008, p. 58).

Nesse sentido, ao invés de focalizar exclusivamente na prevenção ou resolução dos conflitos, é imperativo direcionar os esforços para a prevenção ou transformação da violência (Galtung, 2006, p. 10).

Contudo, para tal abordagem ser eficaz, é fundamental identificar os diferentes tipos de violência que podem surgir. Seguimos, aqui, a taxonomia proposta por Johan Galtung (1969, p.169-172), posteriormente refinada no famoso conceito do "triângulo das violências".

Uma vez que a definição de violência não é uniforme, a ideia de paz também não pode ser simplificada como mera ausência de conflitos, nem tampouco como a eliminação total da violência, considerada utópica - a visão hobbesiana da guerra de todos contra todos é um extremo dessa utopia (GALTUNG, 1962, p.1-2). Torna-se evidente, da mesma forma que os conflitos não podem ser categorizados de maneira uniforme. A presença ou ausência de violência, bem como sua intensidade, define a profundidade do conflito e seu impacto no tecido social.

Conflitos latentes, quando gerenciados de forma construtiva, podem promover diálogos enriquecedores, mas o aumento da violência tende a dificultar a busca por uma paz duradoura.

Como estabelecer tal diálogo, entretanto, quando existe o sempre delicado elemento religioso, seja como catalisador, ou mesmo motivador das diferenças?

A ideia difundida de que a religião é a principal causa de conflitos e violência é, no mínimo, simplista. Embora a religião esteja presente em muitos conflitos históricos, atribuir-lhe a responsabilidade exclusiva por explosões de violência é injusto e potencialmente perigoso, especialmente quando essa perspectiva é adotada por instituições. A dicotomia entre "religioso" e "secular" é arbitrária e ambígua, e a definição de "religião" muitas vezes reflete suposições subjetivas. Portanto, certos tipos de violência são condenados enquanto outros são ignorados (Cavanaugh, 2017). O mito da violência religiosa obscurece a violência perpetrada pelos Estados-nação, muitas vezes considerados seculares. Esse mito

cria uma narrativa que separa "nós", no Ocidente secular e racional, dos "eles", os violentos fanáticos religiosos no mundo muçulmano. No entanto, a violência perpetrada pelo Estado é frequentemente justificada como racional e necessária, enquanto a violência religiosa é vista como irracional e divisiva (Cavanaugh, 2017; Hall, 2001).

É claro que o potencial destrutivo da religião é inegável. Faz parte de suas possíveis consequências, assim como a paz. A religião faz parte de sistemas complexos que geram conflitos, mas raramente é a única causa (Cavanaugh, 2017). A religião pode ser um instrumento importante também para a Construção da Paz, mas raramente de forma isolada. É a Ambivalência do Sagrado (Appleby, 1999).

A religião desempenha um papel relevante na construção da paz, oferecendo modelos e técnicas específicas para a transformação de conflitos. Algumas abordagens destacam a formação espiritual e religiosa como uma fonte motivadora e inspiradora, enfatizando a função profética da religião e os recursos que capacitam indivíduos a enfrentarem desafios enquanto se mantêm firmes em suas convicções. No entanto, líderes

religiosos, especialmente aqueles incumbidos de proteger uma instituição ou tradição, muitas vezes enfrentam dificuldades em se converter pessoalmente ao diálogo genuíno e à reconciliação. (Coward; Smith. 2004).

A definição de extremismo como uma reação hostil ao pluralismo reflete a complexidade dos desafios enfrentados pelos pacificadores religiosos. A dificuldade em evocar perdão ou tolerância por parte daqueles que foram oprimidos pelo "inimigo religioso ou étnico" destaca as barreiras psicológicas que os pacificadores enfrentam em seus esforços. Além da necessidade de conversão pessoal e do desenvolvimento de capital social e religioso para combater o extremismo religioso, os pacificadores religiosos devem desempenhar um papel ativo na construção da paz. Isso vai além do papel de profeta da paz ou líder moral, exigindo liderança no processo de mudança social não violenta. (Omer, 2015).

A construção da paz religiosa abrange uma variedade de atividades realizadas por atores e instituições religiosas, desde a resolução de conflitos locais até a defesa dos direitos humanos religiosos e a pesquisa acadêmica sobre diálogo intercultural e inter-religioso. Os atores religiosos

desempenham papéis cruciais na identificação precoce de conflitos incipientes e na promoção de reformas governamentais e sociais para prevenir ou conter conflitos étnicos ou religiosos. No entanto, é importante reconhecer que os atores religiosos podem buscar proteger seus próprios interesses, mesmo ao atuarem como defensores de grupos oprimidos. Além disso, seu potencial nas operações de imposição e manutenção da paz muitas vezes é subutilizado em favor de abordagens seculares, o que pode resultar em "oportunidades perdidas" na promoção da paz. (Coward; Smith, 2004).

Como projeto humano da razão prática, a religião está no cerne do que significa ser (ou tornar-se) humano. A religião não é uma reivindicação de "realidade" diante da qual se deve decidir se é ou não "religioso". Pelo contrário, a religião é o que torna possível o entendimento, a liberdade autônoma e a responsabilidade moral em primeiro lugar. Pode-se até dizer que sem religião não há ciências naturais e que os cientistas naturais que rejeitam a religião não entenderam adequadamente seu próprio projeto. (McGaughey, 2019)

A conscientização sobre a religião do outro e a conquista da paz não serão alcançadas meramente por meio de um encontro empírico com fenômenos religiosos através de uma "imersão" nos modos de vida uns dos outros.

Isso porque a religião não é definida por um mundo de vida ou uma perspectiva sobre a vida, mas pelo que significa ter a oportunidade de ser (ou tornar-se) humano.

Os esforços para ensinar, capacitar e educar sobre a religião de outros grupos, portanto, não é apenas um esforço descritivo, mas crítico. Aqui, crítico não significa analítico de forma negativa e destrutiva. Crítico é a investigação e identificação das condições universais de possibilidade que tornam possível a experiência humana racional e coletiva, dotada de compreensão e que permite a coexistência.

Em todas as religiões, podem ser encontrados valores e virtudes que se alinham aos objetivos para a paz.

A educação religiosa pode ajudar as pessoas a viverem de acordo com seus valores pessoais: ela ensina sobre as fontes da vida e dos valores que transcendem os prazeres superficiais. Além do valor orientador da paz, existem outras referências importantes à dignidade, perdão, harmonia, misericórdia, amor, reconciliação, cura, verdade e compaixão. Enquanto alguns desses valores existem em todas as religiões, outros são específicos de crenças particulares. (Biess; Cora, 2021).

Sob quais condições os seres humanos podem sobreviver juntos na diversidade cultural, ideológica e religiosa em uma terra habitável e moldar nossas vidas individuais e sociais de maneira humana? O presente projeto visa promover a orientação de valores na sociedade e a interação baseada em valores entre as religiões. A 'Regra de Ouro' é frequentemente identificada como um traço comum das religiões do mundo sobre o qual valores comuns podem ser construídos. A 'Regra de Ouro' é baseada na reciprocidade da ação humana, compreendendo coloquialmente o princípio orientador: 'Trate os outros como gostaria que eles o tratassem.' Naurath (2018) identifica a

promoção de compaixão e empatia como interseções para os objetivos da educação para a paz e educação religiosa, pois, em sua visão, a empatia e a compaixão são fundamentais para a redução bem-sucedida da violência. A sensibilidade aos valores e virtudes é, portanto, extremamente importante para a implementação bem-sucedida de medidas de educação para a paz. Além disso, os passos que levam da orientação de valores para um compromisso bem fundamentado com a paz precisam ser identificados.

Por Fábio Nobre¹

¹ Professor da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (PPGRI UEPB). Diretor do Centro de Estudos em Política, Relações Internacionais e Religião (CEPRIR) e Coordenador do Grupo de Pesquisa de mesmo nome (CEPRIR CNPq/UEPB). Coordenador do Projeto de Extensão OIKOS: Tolerância Religiosa Como Instrumento de Construção da Paz (PROBEX PROEX/UEPB).



01.

O Candomblé

Origem e fundamentos

O candomblé é uma religião afro-brasileira que tem seus primeiros desdobramentos no período colonial, com o sequestro de africanos para o trabalho forçado no Brasil. As tradições africanas foram sincretizadas com a religião católica como meio de resistência e sobrevivência desses povos em solo brasileiro, que gradualmente ajustaram certos costumes para assumir uma nova tradição, traduzida no candomblé. Segundo registros históricos, a religião **surgiu** na Bahia no século XIX em consequência, também, do fim do Reino Oyó em 1830 e se desloca para o restante do Brasil em decorrência dos processos de industrialização do país. Como fundamento de manter viva a tradição, a passagem dos costumes é por meio de formas orais, cantigas, festas e cultivos restritos de cada casa de axé.

“

Manter a tradição dessas casas é um dos fundamentos da religião e representa identidade cultural e pertencimento.

”

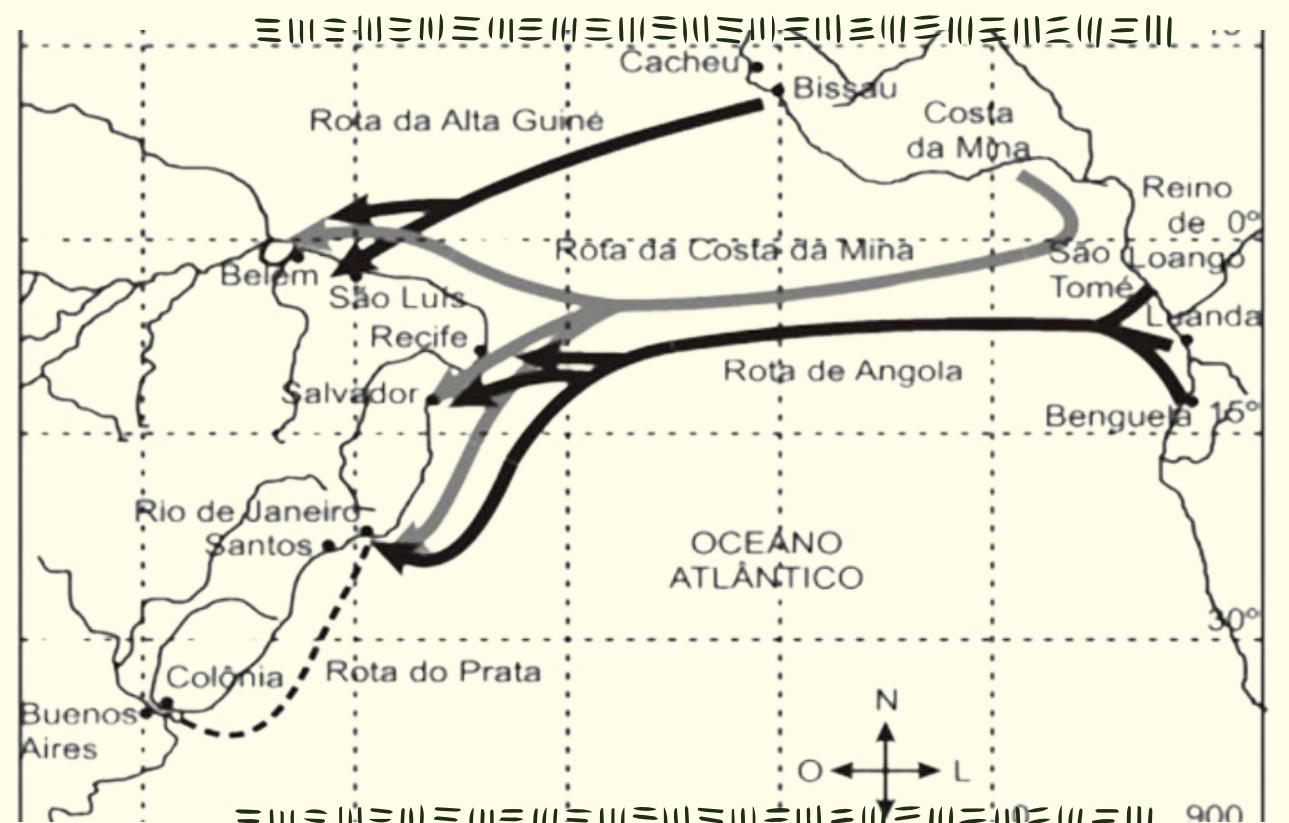


Ilustração do deslocamento forçado de africanos ao litoral do Brasil

Um dos pilares do candomblé é a fé nos Orixás, definidos como força bruta e sagrada da natureza, cultuados e chamados em terra como intermédio entre o divino e o humano para guiar os caminhos de seus devotos. Na religião, cada pessoa tem um Orí, sua célula divina que o conecta com Deus, sendo Orixá o regente, pai e mãe, desse Orí e a cabeça a “casa” de Orixá.

Com o desenvolvimento e iniciação dos integrantes de candomblé, a comunidade pode exercer sua fé para a cura e bem estar daquelas pessoas através da ajuda de sacerdotes responsáveis e de confiança dos iniciados, sempre pautados para o senso de coletividade e harmonia próspera com o Sagrado. Muito do que se formou no Candomblé é nasce da mitologia Yorubá, que traz em si a força e histórias únicas de cada um dos Orixás, presentes também como guias das entidades conhecidas no Brasil.

Principais ritos

Vale ressaltar que cada terreiro possui histórias e costumes próprios, porém, de maneira geral, os principais ritos do candomblé são o Axexê (ritual de limpeza do ambiente anterior ao início das obrigações e trabalhos nos terreiros); Axexê de Ogun (Orixá da guerra e conhecido por ser vencedor de demanda, a realização do rito tem por objetivo a obtenção de proteção, resiliência, coragem e força); Axexê de Exú/Esù (entidade encarregada e “ir a frente” como mensageiro de Orixá, de forma que seu rito é para abertura de novos caminhos e proteção das energias que afastam o iniciado do seu destino); obrigação ou iniciação dos novos filhos de santo; Feitura de Santo (complementar ao ritual de iniciação que marca o ciclo completo da iniciação, de forma que o filho recebe direcionamentos para cultuar seu Orixá e seu Orí) e, por fim, Bori (oferendas oferecidas pelos praticantes aos seus guias, sendo Orixá o principal deles).

Criação do mundo

No Candomblé, a criação do mundo é concebida como um ato divino realizado pelo Orixá supremo, conhecido como Olorum ou Olorun. Segundo essa cosmogonia, Olorum habitava o Orun, o plano espiritual, antes da existência do mundo material, denominado Aiye. Decidindo criar o mundo físico, Olorum designou Orunmilá, o Orixá da sabedoria e do destino, para executar tal tarefa. Orunmilá desceu do Orun para Aiye e, com a colaboração de outros Orixás, formou a terra, os mares, o céu e todas as formas de vida.

Durante esse processo, surgiram disputas entre alguns dos Orixás em relação ao controle de aspectos específicos do mundo material. Orunmilá interveio e estabeleceu um sistema de equilíbrio e harmonia, definindo a hierarquia e as responsabilidades de cada Orixá. Após a conclusão da criação, Olorum delegou a Orunmilá a responsabilidade de governar Aiye e garantir a harmonia entre os seres humanos, os Orixás e o mundo espiritual. Esta narrativa reflete a crença na existência de uma divindade suprema criadora e governante do universo, bem como na interação entre os Orixás e os seres humanos na ordem cósmica estabelecida pelo Candomblé.

Estrutura e entidades

Após alguns séculos de existência, não existe estrutura única para todas as casas de Candomblé, haja vista a expansão da religião e o surgimento de novas linhagens dentro das já existentes. De maneira geral a estrutura dos terreiros é baseada no conjunto de comunidade e família: existem os Pais (Babalorixás) e Mães (Ialorixás) de Santo, os sacerdotes de cada casa, e os filhos de santo (iniciados na religião que desempenham funções diversas, como os Ogãs, Ekedis, entre outros). Juntos, os membros também se aliam aos convidados (devotos, iniciados ou não, que vem esporadicamente participar e observar os cultos) da festa para cumprir com a cerimônia realizada pela casa.

Cada terreiro possui suas próprias cerimônias criadas e passadas pelos ancestrais da casa e com base nos fundamentos da religião, porém, todas com muita música e danças específicas para cada entidade, essas sendo os Orixás, caboclos, ciganos, pombagiras, exús, baianos, preto(a) velho(a), erês, marinheiros, malandros, boiadeiros, entre tantos outros. Cada grupo de entidade é representado por falanges.



Ilustração das entidades guias
© Breno Loeser

Homens e mulheres têm papéis complementares no terreiro: a equidade de gênero é um dos pressupostos da religião, de forma que os dois gêneros possuem diferentes funções para a harmonia da casa e iguais oportunidades de liderança sacerdotal, cumprimento de obrigações e atividades em preceitos e outros rituais de iniciação.



© Brittanica escola

Como contribuir com a redução da Intolerância Religiosa?

Para a redução da intolerância religiosa com o candomblé é necessário um esforço conjunto entre Estado e sociedade. No nível estatal, ainda que houvesse avanço com a implementação do ensino sobre religiões de matriz africana na grade curricular, políticas públicas voltadas para o combate de intolerância religiosa devem ser bem planejadas, monitoradas e avaliadas para o foco da violência/intolerância e formas de exterminá-la. Em nível social, é dever de cada cidadão respeitar e não discriminar as pessoas pelo bom uso da sua liberdade religiosa e fé, direitos presentes na Constituição Federal de 1988.

O combate aos estereótipos e condenações deve partir de cada âmbito da sociedade e punida nos casos de ocorrência.



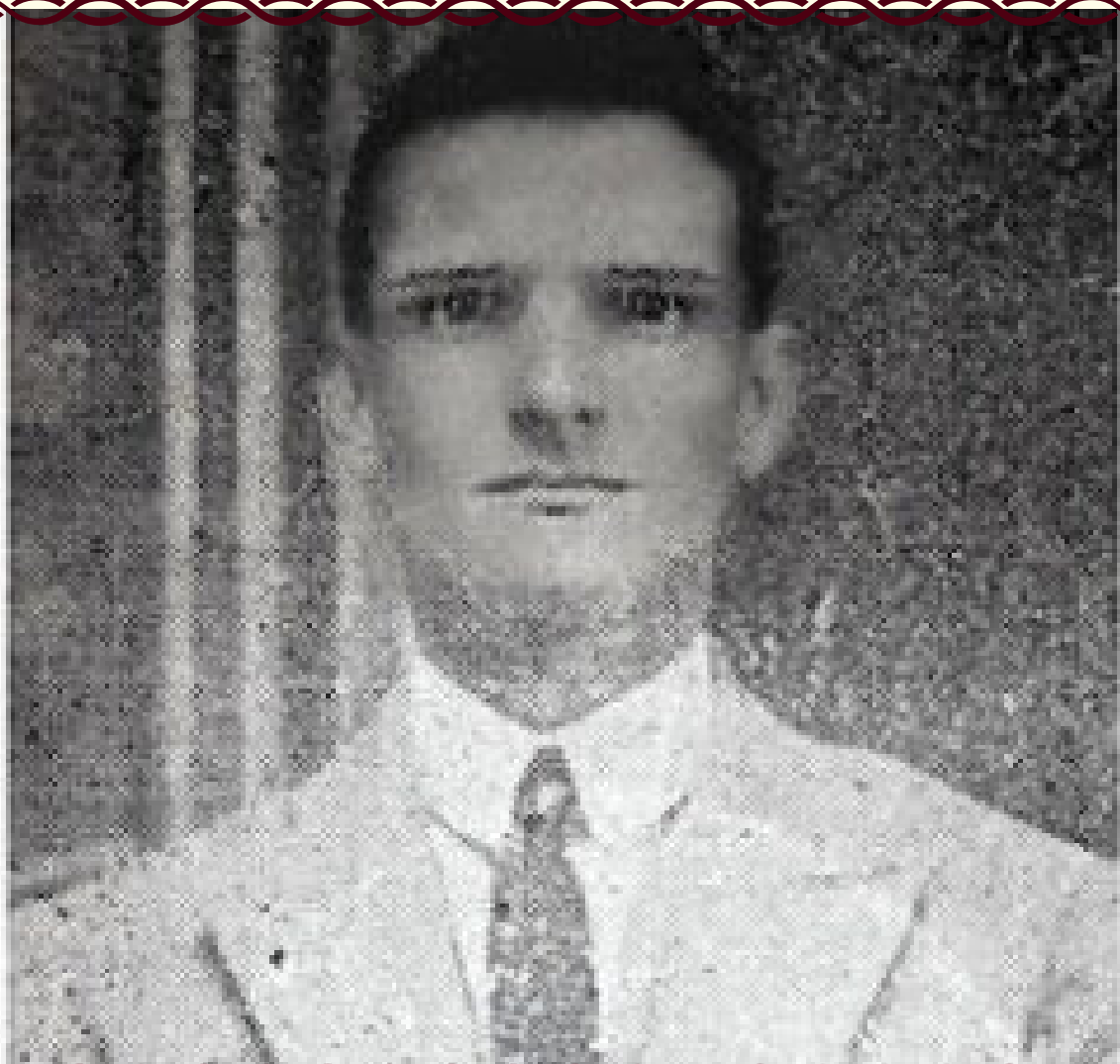
02.

A Umbanda

A Umbanda é uma religião brasileira de grande significância cultural e espiritual que surgiu no início do século XX, a partir de uma rica mistura de elementos do Espiritismo, das religiões afro-brasileiras e das tradições indígenas presentes no território. A Umbanda é vista como uma expressão única de espiritualidade que reflete a diversidade étnica e cultural do Brasil, mas acaba sendo confundida com outras religiões de matriz africana ou mal interpretada, principalmente quando não é apresentado o contexto em que ela surgiu e como o culto e as práticas podem variar entre os fiéis.

A origem da religião, ou o começo da estruturação dos princípios que viriam a formar a Umbanda, pode ser traçada até as regiões Sul e Sudeste do Brasil, principalmente nos grandes centros urbanos nos estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo entre as décadas de 1920 e 1930. É reconhecido que as práticas religiosas que hoje formam a Umbanda já eram praticadas a mais tempo no Brasil, mas foi na década de 1920 que um grupo de Kardecistas, liderados pelo médium Zélio de Moraes, estabeleceram um centro de Umbanda na cidade de Niterói (Centro Espírita Nossa Senhora da Piedade, que mais tarde foi transferido para a cidade do Rio de Janeiro). O momento então começou a servir como ponto de partida para a estruturação da Umbanda.

Talvez uma opção para começar a entender melhor os fundamentos da Umbanda seja identificar uma das suas principais diferenças com o Candomblé, religião que também é afro-brasileira. Quando colocamos as duas lado a lado, é possível ver semelhanças, principalmente quando diferentes “vertentes” começam a surgir em ambas. Mas quando o ponto do resgate da ancestralidade é trazido à tona, é possível ver o quanto a Umbanda se diferencia. A ancestralidade é uma das bases mais importantes em ambas as religiões: o Candomblé, mesmo sendo uma religião brasileira com práticas próprias, busca esse resgate na “raiz”, ou seja, no continente africano, enquanto a Umbanda busca esse resgate em figuras pertencentes à cultura brasileira.



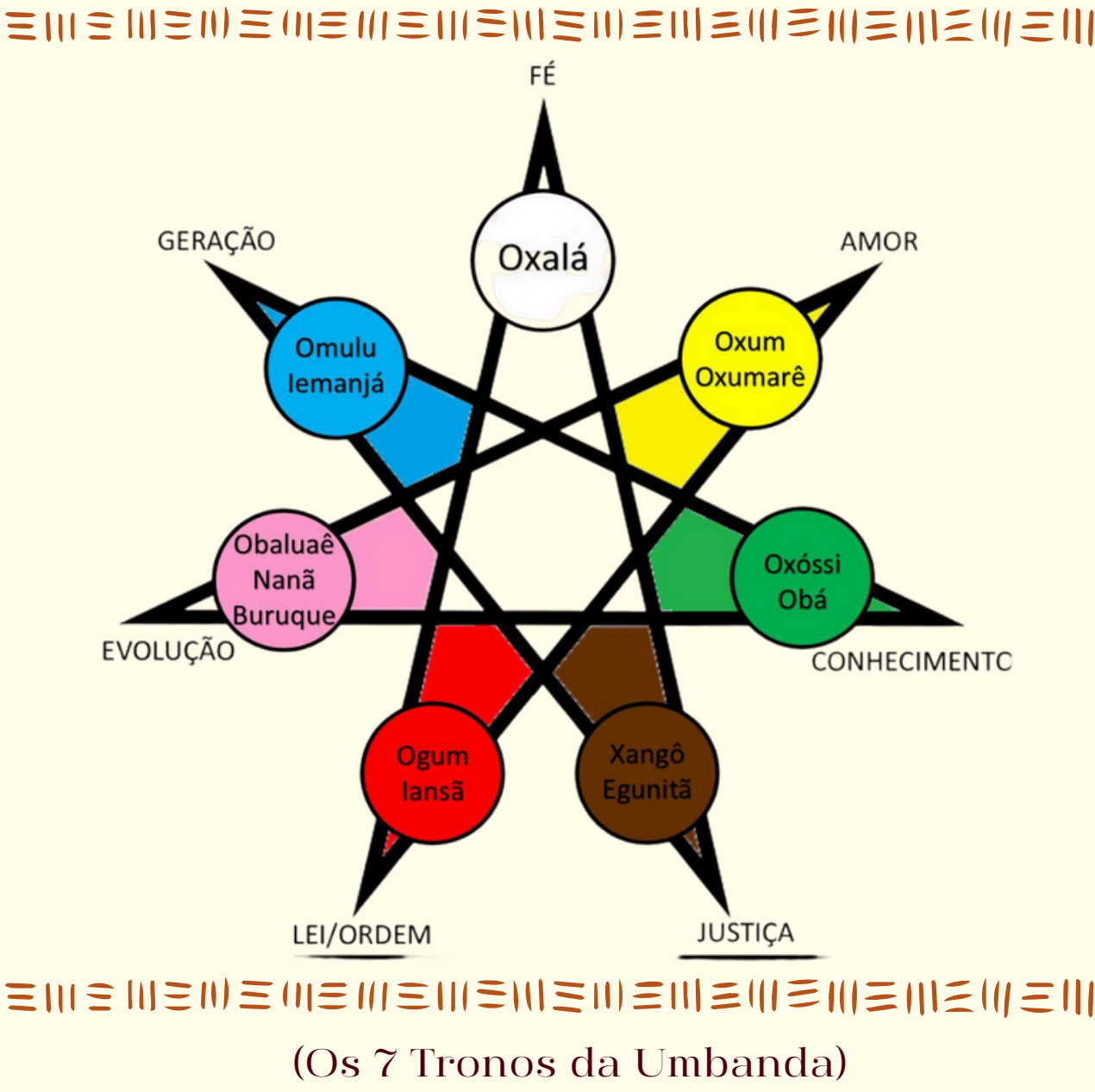
Zélio Fernandino de Moraes
Fonte: Site “Umbanda eu curto”

No momento em que a Umbanda surgiu, o país passava por uma fase de resgate da identidade brasileira que se refletia nos âmbitos social, artístico e, conseqüentemente, religioso. Práticas relacionadas às crenças afro-brasileiras, católicas e figuras presentes entre os povos indígenas do Brasil foram mescladas ao Kardecismo, acontecendo então o sincretismo que deu origem à Umbanda. Um reflexo de um país tão diverso.

Práticas

A percepção dos Orixás dentro da Umbanda merece destaque, visto que é diferente da visão mais conhecida do Candomblé e podendo variar mesmo dentro das vertentes da Umbanda. Os Orixás, de forma geral, são vistos como diferentes qualidades de Deus (Olorum). Essas qualidades, ou aspectos, são chamados de Tronos, sendo 7 tronos ao todo, cada um deles com 2 Orixás, que trazem suas próprias características e se complementam. Por exemplo: Oxalá é o Orixá que representa a fé e a religiosidade, e Logunan é a Orixá que representa o tempo e o destino. Juntos, ele regem o **Trono da Fé**. Oxum é a Orixá do amor e da beleza e junto com Oxumarê, o Orixá da transição e da adaptação, representam o amor de Deus, regendo o **Trono do Amor**.

Semelhante a visão de Deus no Espiritismo Kardecista, praticantes da Umbanda enxergam as divindades como presentes, mas muito mais distantes dos seres humanos do que quando comparado a outras religiões, por isso recorrem a intermediários, ou mensageiros, que são ancestrais presentes no plano espiritual que ajudam e **guiam** o indivíduo na direção da espiritualidade e de um melhor caminho de vida para ele. Por esse motivo, essas entidades também são chamadas de **guias espirituais**, que são caracterizadas em diferentes formas, cada uma simbolizando um pilar dentro da estrutura religiosa. Dentre os mais conhecidos dentro da Umbanda, é possível citar: os Caboclos (que apresentam o arquétipo do indígena antes da colonização, sendo um dos principais pilares espirituais e trazendo conhecimentos ligados à natureza e sabedoria ancestral), os Pretos-Velhos (trazem um arquétipo de idosos africanos escravizados, transmitindo sua sabedoria e também sendo um dos principais pilares espirituais



Fonte: Site do terreiro “Caboclos da Lei”

as Pombas-Giras (espíritos de mulheres marginalizadas pela sociedade, como prostitutas e jovens abandonadas pela família, que trazem energias ligadas ao amor, a sensualidade e muitas vezes tratam de assuntos relacionados a essas características, como relacionamentos e desejos.) e os Exus (na Umbanda, a entidade Exu é diferente do Orixá Exu). A entidade representa homens que foram marginalizados em vida e tratam de questões ligadas à comunicação e proteção. Diferentes espíritos guias dentro de um mesmo arquétipo podem usar o mesmo título e, dentro da prática, não são todos que trabalham com a incorporação em médiuns. Além disso, diferentes espíritos de um mesmo arquétipo podem estar ligados a orixás diferentes (diferentes linhagens).

Ritos

São diversos os ritos e cerimônias que acontecem dentro da Umbanda, alguns deles que também existem em outras religiões, mesmo que feitos de maneira diferente. Cerimônias e encontros são realizados no espaço chamado terreiro. Cada terreiro funciona de forma independente, visto que não existe uma estrutura hierárquica como a da Igreja Católica dentro da Umbanda. Dentro do terreiro, a figura no papel de liderança é o(a) Pai de Santo ou a Mãe de Santo que junto com os Filhos de Santo (umbandistas) ficam responsáveis pela manutenção do espaço.

A hierarquia dentro de um terreiro é determinada a partir do nível de habilidade de mediunidade do umbandista. Não há distinção de tarefas entre homens e mulheres na base da Umbanda, mas isso pode mudar dependendo do terreiro, práticas e crenças difundidas no espaço, como mulheres assumindo mais papéis de médiuns ou maior frequência de homens nos papéis de liderança. Os rituais são coordenados pelo(a) Pai/Mãe de Santo com o auxílio dos umbandistas, onde são incorporadas oferendas para as divindades e entidades, músicas, conhecidas por pontos cantados (a letra dos pontos sendo em português) e danças, geralmente acompanhadas pelos atabaques (instrumento de percussão). Além dessas práticas, muitas das reuniões envolvem a incorporação, onde os médiuns entram em um estado de transe semiconsciente para que o espírito guia possa trabalhar no corpo físico em conjunto com o umbandista (em alguns terreiros de Umbanda, a incorporação de Orixás acontece). Exemplos de ritos praticados na Umbanda:

– Batismo

Momento de aceitação da Umbanda e iniciação. A prática envolve água, podendo ser de uma fonte natural ou simplesmente molhar a cabeça do indivíduo. O recomendado é que o batizado ocorra na fase adulta, mesmo que a pessoa tenha sido batizada no terreiro pelos pais quando criança, porque, como adulto, agora é uma escolha própria.

– Casamento

No geral, o casamento na Umbanda não é uma cerimônia extravagante como em outras religiões. É feita de uma forma muito mais simples, focada na espiritualidade e nas bênçãos das entidades. Ainda assim, algumas características permanecem em comum com outros ritos. Há a presença de padrinhos, preces e o ambiente decorado de acordo com o gosto dos noivos, indo de acordo com as regras do terreiro, flores e muita música.

– Amaci

O amaci pode ser entendido como um batismo para a mediunidade. É um ritual que vai estabilizar o médium e fortalecer a conexão dele com as divindades e as entidades. A prática envolve a lavagem da cabeça do médium (que só pode ser feita pelo(a) Pai/Mãe de Santo ou alguma das entidades do próprio umbandista) com água e ervas.

– Passe

O passe é um rito que envolve uma pessoa passando por algum problema ou enfermidade recebendo a bênção de um guia espiritual e recebendo uma “consulta”, podendo fazer perguntas à entidade ou só passar pelo processo e ouvir os conselhos que a entidade queira dar. É normal que cada linha de entidades dentro da Umbanda “dê o passe” de uma forma distinta, envolvendo diferentes tipos de gestos e/ou diferentes objetos.



03.

O Islamismo

A religião Islâmica, hodiernamente, é uma das doutrinas de maiores adeptos e continua constantemente crescendo seu número de fiéis. Sendo uma das três religiões abraâmicas (Islã, Judaísmo e Cristianismo) o Islã possui uma cultura que remonta a séculos de história. Em suma, o Islã é uma religião monoteísta, seu Deus sendo conhecido como Allah, que acredita na onipotência e onisciência de seu de seu Criador. Além disso, esta religião possui uma grande importância para a humanidade, tendo em vista que, mediante sua influência, diversos avanços tecnológicos e científicos puderam ocorrer. Nesse sentido, ramos como o da física, química, medicina, astronomia, alquimia e entre outros, revolucionaram seus conhecimentos e impulsionaram o globo. Em suma, é notório a importância que o Islã possui como também é importante destacar que esta crença também se mostra como um movimento político ao longo dos séculos.

Origem e Expansão:

O Islã possui sua origem no século VII d.c, nascendo a partir das pregações de Muhammad, Maomé, cidadão da cidade de Meca, que posteriormente será considerado o maior profeta da religião. Maomé passou boa parte do começo de sua vida percorrendo diversas localidades do Oriente Médio, conhecendo lugares como Pérsia, Palestina, Síria e entre outros. Durante suas viagens o profeta manteve bastante contato com adeptos de religiões monoteístas e abraâmicas e consequentemente aprendeu muito com estes povos.

Aos 40 anos de idade, Maomé recebe a visita do Arcanjo Gabriel enviado por Deus a fim de lhe comunicar mensagens sagradas. No decorrer deste processo, todas as informações repassadas formaram um livro que posteriormente seria chamado de Alcorão. Sob esse íterim, é fulcral salientar que para o Islã o Alcorão é apenas em Árabe, toda e qualquer tradução deste é considerada uma interpretação do Alcorão



Nesse sentido, vale ressaltar que o conteúdo das mensagens consistiam no anúncio da única religião verdadeira, uma monoteísta, que se mostrava oposta às idolatrias e ao paganismo. Sob essa ótica, mediante o Alcorão e as pregações de Maomé, o profeta passa a ser perseguido pelos poderes tradicionais da época e refugia-se em Iatribe, posteriormente chamada de Medina, esta fuga ficou conhecida como Hégira.

Outrossim, um dos grandes trunfos de Maomé com esta nova religião foi a unificação das tribos árabes. Diante desse viés, O profeta e seus seguidores conquistaram Meca e muitos outros territórios, dando início assim a uma expansão árabe pelo global, mesmo após a morte de Maomé, comparada a magnitude do Império Romano. Diante desse panorama, entende-se que o Islã para além de uma religião também representa uma civilização com movimentos políticos, econômicos e sociais que espalhou-se pelo globo de tal modo que não limitava-se mais apenas aos povos árabes, mas abrangia turcos, iranianos, iraquianos, sírios e diversos outros.

Além do Oriente e da África, o Islã também adentrou no continente europeu, especificamente na Península Ibérica, ficando nesta localidade por aproximadamente oito séculos. Dessa maneira, os territórios correspondentes a Portugal e Espanha engendraram em sua cultura diversos aspectos do Islã e dos povos árabes e mesmo posteriormente com suas expedições marítimas para a América a influência e raiz islâmica ainda estava presente. Ademais, os povos islâmicos introduziram no Ocidente séculos de conhecimentos acumulados, como a cartografia, astronomia, matemática, física, química e entre outros. Desse modo, pode-se observar que o pioneirismo português e espanhol nas grandes navegações é bastante proveniente destes aprendizados.

Em síntese, diante do supracitado, a Religião Islâmica para além de seus adeptos possui uma grande parcela social que recebe sua influência, tanto em costumes e ensinamentos. Desse modo, a presença desta crença no globo é maior e mais presente do que muitos têm ideia.

Como o mundo foi criado?

O Islã como sendo uma das religiões abraâmicas possui a explicação da criação do mundo similar ao do cristianismo e judaísmo. Todavia, existem algumas diferenças e contextos que convém ressaltar neste texto.

“**Vosso Senhor é Deus, que criou os céus e a terra em seis dias.**
(Alcorão 7:54)”

A priori, vale destacar que Adão no Islã foi tanto o primeiro homem quanto o primeiro profeta e Eva não é a única culpada por comer o fruto da árvore proibida. Ademais, a concepção do pecado original presente no Cristianismo, por exemplo, não existe no Islã, pois Allah diante da transgressão de Adão e Eva não amaldiçoa a Terra e ao longo e ao longo de suas vidas suas desobediências foram perdoadas. Desse modo, a terra torna-se o lar dos seres humanos e a partir do livre arbítrio os humanos são capazes de construir o bem.

Ritos:

A priori, entende-se por ritos um conjunto de formalidades, costumes, gestos e entre outros, que portam um valor simbólico. Dentro das religiões os ritos são prescritos e codificados a partir das tradições, seguindo assim um padrão. Diante desse contexto, dentro do Islã existem cinco costumes que representam os pilares da religião.

1. Recitar o credo “não existe nenhum deus além de Allah, e Muhammad é seu profeta”.
2. Orar cinco vezes ao dia na direção de Meca.
3. Observar o jejum durante o mês sagrado chamado Ramadã.
4. Realizar o zakat, a doação de 2,5% de seus lucros para os mais pobres.
5. Visitar Meca uma vez na vida, desde que se tenha condições para isso



Muçulmanos rezam em volta da Caaba, na Grande Mesquita, na cidade sagrada de Meca, em 5 de julho de 2022 – Foto: AFP

Vertentes do Islã:

Após o falecimento do profeta Maomé recai uma discursão acerca de quem seria o sucessor do profeta, ocorrendo assim uma cisão mediante as divergências desencadeado no surgimento das vertentes Sunitas e Xiitas. Os Sunitas correspondem a maioria dos mulçumanos, cerca de 90%, e para eles os sucessores de Maomé devem ser eleitos pelo povo. Além disso, os Sunitas também são considerados ortodoxos e seguem os preceitos interpretados do Alcorão, Sharia e Suna. Esta vertente predomina na Arábia Saudita, África, Turquia, Paquistão e em outras localidades.

A vertente Xiita corresponde a minoria, cerca de 10% do islâmicos, e para este grupo o sucessor do profeta seria um genro de Maomé, Ali. Os Xiitas seguem à risca as antigas Leis islâmicas, Alcorão e Sharia, sendo considerados assim tradicionalistas.

Livros:

1. Alcorão: Livro sagrado do Islã, sendo ele a palavra literal de Deus, Allah, ditada ao profeta Maomé.
2. Sharia: Corresponde ao sistema jurídico do Islã, isto é, as orientações dadas no Alcorão são reunidas neste livro compondo assim um conjunto de normas
3. Suna: Significando “Caminho trilhado” este livro contém os ditos e os feitos do profeta Maomé, nas quais desencadearam em suas tradições.



04.

O Espiritismo

Quando fala-se de Cristianismo, normalmente pensam sobre o Catolicismo, no máximo sobre o Protestantismo. Isso acontece porque, como em outros âmbitos de nossa sociedade, alguns grupos foram perseguidos e segregados em nossa sociedade, o que fez com que tais coletivos sentissem a necessidade de se esconder e/ou se misturar aos grupos dominantes. Com o Espiritismo não foi diferente; ainda que tenha uma origem no Cristianismo, a doutrina sofre perseguições, até mesmo de outras vertentes do movimento, sendo associado a seitas e tendo suas fundamentações deslegitimadas.

Mitos

Antes de sua formação enquanto religião, os mitos formadores do Espiritismo ficaram conhecidos no mundo todo, com alguns tornando-se mais populares do que outros. Na Europa, por exemplo, houve a experiência do polímata sueco Emmanuel Swedenborg (1688-1772), cuja manifestação de clarividência lhe permitiu a visão de um homem de luz radiante, autodenominado de Deus, que disse-lhe o ter escolhido para trazer revelações sobre as Sagradas Escrituras aos homens.

Os relatos de Swedenborg influenciaram vários pensadores, como Honoré de Balzac e Charles Baudelaire. Além dele, podemos citar o ministro da Igreja Escocesa, Edward Irving (1792-1834), cujos sermões reuniam grande número de seguidores em uma igreja presbiteriana em Regent Square, Londres. A partir das pregações de Irving, que incluíam grandes e chamativas manifestações espirituais, a xenoglossia e profecias, em 1831 seus seguidores passaram a acreditar que haveria sinais do fim dos tempos, o que fez com que Irving fosse afastado de seu ministério.

Já nos EUA, o mito das irmãs Fox chamou atenção no vilarejo rural de Hydesville, Nova Iorque, quando a família de fazendeiros Fox, composta pelo pai, mãe e duas filhas, Margaret, de 14 anos e Catherine, de 11 anos, mudou-se para uma pequena casa com fama de mal-assombrada e, no mês de março de 1848, ruídos noturnos estranhos começaram a irromper na casa. Na noite de 31 de março de 1848, os sons habituais tornaram-se mais altos e insistentes, e a família começou a interagir com os sons, fazendo perguntas e, para surpresa de todos, recebendo respostas. Logo, a vizinhança também estava na casa a fazer perguntas, prontamente respondidas pelo Espírito, o que transformou a família em celebridade local. As manifestações que se iniciaram naquela casinha modesta deram origem ao Moderno Espiritualismo, um dos antecessores do Espiritismo.

Origem

A presença das mesas girantes importadas dos EUA foi o grande evento social parisiense no século XIX. As pessoas, majoritariamente membros da elite, juntavam-se para assistir às mesas movimentando-se e erguendo-se no ar como a um espetáculo. A comunicação dos presentes com o que estava para além das mesas era feito por meio de uma linguagem baseada em batidas, onde cada batida representava uma letra do alfabeto, similar ao código Morse. Este fenômeno, hoje nomeado de tiptologia, chamou a atenção de um jovem pedagogo e pesquisador francês, chamado Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), que resolveu pesquisá-lo. Rivaël, inicialmente, via com ceticismo a ideia de que uma força inteligente sobrenatural conduzia o movimento das mesas girantes, mas a partir de comunicações com estas forças, o estudioso chegou a conclusão de que quem conduzia as mesas eram os “Espíritos dos homens que haviam morrido”. Assim, as conclusões de suas pesquisas foram publicadas n’O livro dos espíritos (1857), escrito por Rivail sob o pseudônimo de Allan Kardec.

Foi através deste método que Rivaël, agora conhecido como Allan Kardec, soube no contato com as mesas que por trás deste fenômeno estavam as almas das pessoas que tinham morrido no plano terreno, mas que continuavam vivas no mundo espiritual. Assim, o Espiritismo foi fundado na França, em 1857, com a proposta de ter um caráter científico, religioso e filosófico, ratificada por uma das máximas de Kardec, no livro A gênese (1868), que diz que “caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará” (Kardec, 1868).

Fundamentos

Com o desenvolvimento do Espiritismo, Kardec classificou os assuntos revelados pelos

espíritos para formar uma doutrina capaz de reunir preceitos filosóficos, científicos e religiosos. No seu aspecto filosófico, o Espiritismo dá uma interpretação da vida, desde sua origem até o que há para além dela. Além disso, crê no ato de fazer o bem como forma de crescer espiritualmente, algo que pode ser visualizado através de um dos motes norteadores, o de que “fora da caridade, não há salvação”. Os espíritas também acreditam em Deus como entidade suprema, criador do Universo e de tudo o que o habita. Na visão deles, Jesus Cristo não é filho de Deus, mas um espírito evoluído que veio à Terra para ensinar.

São três os preceitos fundamentais:

- 1.O da evolução do espírito por meio da reencarnação;
- 2.O da existência de vida para além da Terra;
- 3.O uso da mediunidade para se comunicar com os que desencarnaram.

Ritos

Diferente de outras religiões, inclusive as de dentro do campo do Cristianismo, na literatura kardequiana não encontramos referências a rituais, como casamentos, batizados ou cerimônias de chegada à vida adulta. Além disso, a estrutura do Espiritismo não possui uma hierarquia sacerdotal, visto que o que caracteriza os centros espíritas, fundamentais para o movimento e tidos como núcleos de estudo, oração e trabalho, é a simplicidade, inclusive em sua organização: aqui, todos são iguais, sejam homens ou mulheres.

Entidades

Suas entidades são espíritos que se encontram num patamar de vibração astral positiva capaz de influenciar e auxiliar o trabalho dentro da religião, visando aprender e evoluir espiritualmente, já que no Espiritismo as entidades espirituais trabalham de acordo com o seu nível de vibração para depois reencarnar ou passarem para um plano espiritual superior.



05.

O Catolicismo

A Igreja Católica tem suas raízes na tradição cristã primitiva, remontando à época de Jesus Cristo e seus apóstolos, particularmente a São Pedro, considerado o primeiro papa pela tradição católica. Após a morte e ressurreição de Jesus, os apóstolos espalharam sua mensagem pelo mundo mediterrâneo, estabelecendo comunidades cristãs. Acredita-se que a Igreja Católica teve sua origem formal na instituição da hierarquia eclesiástica, com base na sucessão apostólica, na qual os bispos, como sucessores dos apóstolos, exerciam autoridade sobre as comunidades locais. A estruturação da igreja foi se desenvolvendo ao longo dos primeiros séculos do Cristianismo.

Em 313 d.C., o Édito de Milão, emitido pelo Imperador Constantino, legalizou o Cristianismo no Império Romano, o que levou à sua posterior adoção como religião oficial. No século IV, o Imperador Teodósio I estabeleceu o Cristianismo Niceno (que mais tarde se tornou o Cristianismo Ortodoxo Oriental) como a religião oficial do Império Romano Oriental, enquanto o Império Romano Ocidental seguiu uma forma de cristianismo que eventualmente se tornou conhecida como catolicismo.

A Igreja Católica Apostólica Romana, tal como é conhecida hoje, começou a consolidar sua identidade e estrutura durante os primeiros concílios ecumênicos, como o Primeiro Concílio de Nicéia em 325 d.C., que lidou com questões doutrinárias fundamentais. A autoridade papal também começou a se desenvolver, com o Papa reconhecido como o principal líder espiritual e administrativo da igreja universal. Ao longo da história, a Igreja Católica desempenhou um papel central na Europa, influenciando a cultura, a política e a sociedade. Apesar de enfrentar desafios e divisões ao longo dos séculos, ela continua sendo uma das maiores e mais influentes instituições religiosas do mundo.

Papel fundamental

A Igreja Católica pode ser examinada em diferentes dimensões, ajudando a esclarecer o papel da religião dentro da sociedade e da fé:

A Igreja Católica pode ser examinada em diferentes dimensões, ajudando a esclarecer o papel da religião dentro da sociedade e da fé:

Dimensão espiritual: A Igreja Católica é vista por seus seguidores como a guardiã da fé cristã, transmitindo os ensinamentos de Jesus Cristo e fornecendo orientação espiritual. Isso inclui sacramentos como o Batismo, a Eucaristia e a Confissão, que são considerados fundamentais para a vida espiritual dos católicos.

Dimensão moral e ética: A Igreja Católica estabelece padrões morais e éticos com base nos ensinamentos da Bíblia e na tradição cristã. Ela fornece diretrizes sobre questões como justiça social, direitos humanos, aborto, casamento e sexualidade, influenciando as decisões e comportamentos de seus seguidores.

Dimensão social: A Igreja Católica desempenha um papel significativo na prestação de serviços sociais, incluindo assistência a pobres, doentes, órfãos e refugiados. Ela opera uma vasta rede de escolas, hospitais, orfanatos e organizações de caridade em todo o mundo.

Os Ritos

O Catolicismo é uma religião rica em ritos e cerimônias que buscam a aproximação do fiel na religião. A principal determinação vem através dos sete sacramentos que podem ser exercidos pelos católicos ao longo da vida, sendo eles: Eucaristia, Batismo, Penitência, Confirmação, Matrimônio, Ordenação e Unção dos Enfermos.



Ilustração que representa os sete sacramentos da Igreja Católica.

Ilustração retirada do Site Luz dos Povos

Missa (Eucaristia ou Missa): A Missa é o principal culto da Igreja Católica, celebrado regularmente em todo o mundo. Durante a Missa, os católicos acreditam que o pão e o vinho se transformam no corpo e no sangue de Jesus Cristo através do que é chamado de Transubstanciação.

Batismo: O batismo é o sacramento pelo qual uma pessoa se torna membro da Igreja Católica e é iniciada na fé cristã. Durante o Batismo, a água é aspergida ou derramada sobre a cabeça do batizado em nome da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo).

Confissão (ou Penitência): Os católicos acreditam que confessar seus pecados a um sacerdote é um sacramento que permite a reconciliação com Deus e com a comunidade da Igreja. Durante a Confissão, o penitente se arrepende de seus pecados e recebe o perdão sacramental.

Crisma (ou Confirmação): A Crisma é o sacramento pelo qual os católicos confirmam sua fé e recebem o dom do Espírito Santo. O bispo ou um sacerdote autorizado unge o crismado com óleo consagrado (óleo do Crisma) e impõe as mãos sobre ele.

Matrimônio: O Matrimônio é o sacramento através do qual um homem e uma mulher se unem em uma aliança permanente e amorosa perante Deus e a comunidade da Igreja. É considerado um dos sacramentos de serviço.

Ordenação: A Ordenação é o sacramento pelo qual um homem se torna um diácono, padre ou bispo na Igreja Católica. Durante a ordenação, ele recebe o poder e a graça de realizar os sacramentos e de liderar a comunidade cristã.

Unção dos Enfermos: Também conhecida como "Extrema Unção" ou "Santa Unção", este sacramento é administrado a pessoas doentes ou idosas, proporcionando-lhes conforto espiritual, cura física ou, se for o caso, preparação para a morte.

Estruturação

A Igreja Católica também é altamente organizada e hierárquica, com uma divisão clara de autoridade e responsabilidades.

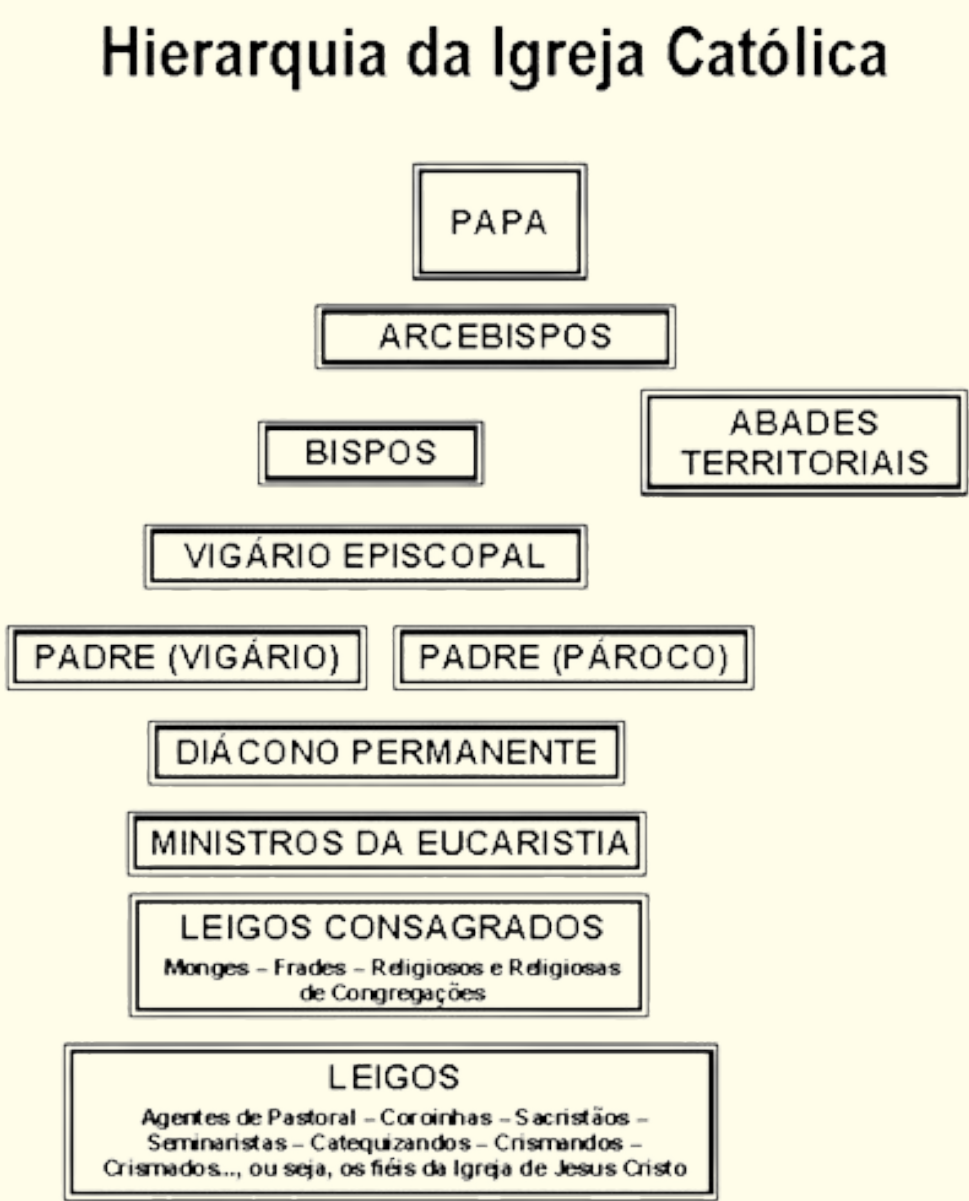


Ilustração que representa a hierarquia da Igreja Católica.
Ilustração retirada do Site Catequisar

Papa: O Papa é o líder supremo da Igreja Católica e o bispo de Roma. Ele é considerado o sucessor de São Pedro e é reconhecido como o chefe do colégio episcopal. O Papa tem autoridade suprema sobre a doutrina, disciplina, governo e direção espiritual da Igreja.

Colégio dos Cardeais: Os cardeais são conselheiros próximos do Papa e constituem o Colégio dos Cardeais. Eles são responsáveis por eleger o novo Papa em um conclave após a morte ou renúncia do Papa anterior. Os cardeais também desempenham papéis importantes na administração da Igreja, liderando dioceses, departamentos da Cúria Romana e outras instituições eclesiais.

Cúria Romana: A Cúria Romana é o conjunto de departamentos, escritórios e conselhos que ajudam o Papa na administração da Igreja Católica. Ela inclui vários dicastérios (departamentos), congregações, tribunais e conselhos que lidam com uma variedade de assuntos, como doutrina, liturgia, canonização, evangelização, justiça social, ecumenismo e comunicação.

Bispos: Os bispos são os sucessores dos apóstolos e têm autoridade espiritual e pastoral sobre suas dioceses ou áreas geográficas designadas. Eles são responsáveis por liderar suas comunidades locais, administrar os sacramentos e ensinar a doutrina católica. Os bispos se reúnem regularmente em conferências episcopais regionais ou nacionais para discutir questões pastorais e coordenar esforços pastorais.

Sacerdotes e Diáconos: Os sacerdotes e diáconos são ordenados para servir nas paróquias e comunidades locais. Eles são responsáveis por celebrar os sacramentos, pregar o Evangelho, ensinar a doutrina católica e liderar a comunidade em oração e serviço.

Religiosos e Religiosas: Os religiosos e religiosas (monges, freiras, irmãos e irmãs) fazem parte de várias ordens e congregações religiosas na Igreja Católica. Eles vivem em comunidades dedicadas à oração, contemplação, serviço e missão.

Os Santos

“ Os católicos veneram uma vasta quantidade de santos e santas, cada qual com histórias de vida, virtudes e intercessões particulares. ”

Alguns dos santos mais populares e venerados pelos católicos incluem:

São Pedro: Considerado o primeiro papa e um dos principais apóstolos de Jesus. É venerado como o guardião da Igreja e é frequentemente invocado como o padroeiro dos pescadores.

São Paulo: Apóstolo conhecido por sua conversão radical ao cristianismo e por suas muitas viagens missionárias para espalhar o Evangelho. É considerado o padroeiro dos evangelizadores.

Nossa Senhora: A Virgem Maria, mãe de Jesus, é uma figura central na devoção católica. Ela é invocada em muitas formas e sob muitos títulos, como Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora Aparecida, entre outros.

São Francisco de Assis: Fundador da Ordem Franciscana, é conhecido por sua vida de pobreza, humildade e amor à criação. É um dos santos mais populares e é frequentemente associado à devoção aos animais e à natureza.

O papel do homem e da mulher

Na Igreja Católica, tanto homens quanto mulheres têm papéis importantes e complementares na vida da fé e na comunidade eclesial. Tanto homens quanto mulheres têm igual acesso aos sacramentos da Igreja Católica, como o Batismo, a Eucaristia, a Confirmação, o Matrimônio, a Ordem (para os homens) e a Unção dos Enfermos. Homens e mulheres são incentivados a cultivar uma vida de oração e aprofundamento espiritual, buscando crescer em santidade e comunhão com Deus.

Embora apenas os homens possam ser ordenados como diáconos, padres e bispos na tradição católica, as mulheres desempenham uma variedade de ministérios e serviços na igreja, incluindo catequese, ministério da música, trabalho social, visita aos doentes, entre outros

“ O Matrimônio é considerado um sacramento na Igreja Católica, e homens e mulheres são chamados a viver uma vida conjugal centrada no amor mútuo, na fidelidade e na abertura à vida. ”

Ambos são vistos como parceiros iguais na construção de famílias cristãs.

Tanto homens quanto mulheres podem se consagrar a Deus por meio de votos religiosos, entrando em ordens religiosas ou congregações religiosas. A vida religiosa oferece uma variedade de carismas e formas de serviço na Igreja, incluindo contemplação, educação, assistência social e missões. Embora a hierarquia eclesiástica seja predominantemente masculina, as mulheres têm um papel na vida da igreja e podem influenciar a tomada de decisões em nível local, diocesano e em organizações leigas e movimentos eclesiais.

Mesmo com as diferenças nos papéis específicos desempenhados por homens e mulheres na Igreja Católica, a Doutrina da Igreja enfatiza a dignidade e a igualdade fundamental de todos os fiéis, independentemente do sexo, e a importância de cada pessoa contribuir para a missão da igreja de acordo com seus dons e vocações específicas.;



06.

O Protestantismo

A Origem

O Protestantismo, movimento consolidado por Martin Lutero, surgiu na Europa, no século XVI, período em que a Europa passava por grandes transformações econômicas, políticas e sociais. Em termos de religião, era um momento decisivo; cada vez mais, ela perdia forças, sob a influência do movimento renascentista que, diferente da religião, trazia o homem como o centro de todas as coisas. Assim, a principal Igreja, a Igreja Católica, enfrentava uma grande crise de credibilidade, o que trouxe à tona a indignação da população quanto aos impostos abusivos, clérigos corruptos e o abuso de poder. Além disso, as críticas quanto à economia se estenderam a discordâncias de caráter teológico, inflamando um movimento que desejava a separação da Igreja Católica. A este movimento damos o nome de Reforma Protestante.

Lutero foi um monge professor de teologia que teceu inúmeras críticas à Igreja Católica, em especial às vendas de indulgências em troca de perdão pelos pecados. O monge acreditava que a salvação não era por obra, mas mediante fé.



Ilustração que representa Martin Lutero pregando as 95 teses na porta da Igreja Católica.

Ilustração retirada do Site Jusbrasil

Dessa forma, Lutero ficou conhecido pela teologia luterana que vê a fé como garantia de salvação e não às obras. Criando assim cinco solas, ou cinco bases: Sola fide (somente a fé); Sola scriptura (somente a escritura); Solus Christus (somente Cristo); Sola gratia (somente a graça); Soli Deo gloria (glória somente a Deus). Lutero ainda traduziu a Bíblia do latim para o alemão, uma vez que ele acreditava que os fiéis deveriam ter acesso direto aos textos sagrados.

A ação de Lutero ainda influenciou outros movimentos protestantes na Europa, como o liderado por João Calvino, que originou o calvinismo, e o de Henrique VIII, que originou o anglicanismo. Entende-se assim que o Protestantismo ramifica-se a partir da Reforma Protestante, que abriu espaço para outras denominações religiosas, como é o caso da Igreja Presbiteriana Protestante.

Os mitos

Cada igreja protestante possui seus mitos formadores; no caso da Igreja Presbiteriana do Brasil, ela adota a Confissão de Fé de Westminster, uma doutrina reformada calvinista que foi resumida em trinta e três capítulos, elaborada por teólogos como João Calvino, com o objetivo de promover uma adoração de forma uniforme na Igreja. Na confissão de Westminster são ressaltadas as bases da fé, no qual reafirma-se que Deus é um ser vivo e verdadeiro, onipotente e imutável, bondoso e gracioso. Além disso, na unidade da divindade é trazido à existência de três pessoas na mesma: O pai, o filho e o Espírito Santo, ou seja, a Trindade Divina.

“ O Pai não é de ninguém – não é nem gerado, nem procedente; o Filho é eternamente gerado do Pai; o Espírito Santo é eternamente procedente do Pai e do Filho. ”

O conceito de Trindade pode ser muito confuso para aqueles que não praticam a religião, pois são três pessoas iguais em poder e substância que habitam em um só.

Deus (pai), o filho (Jesus Cristo) e o Espírito Santo. Entretanto, os três são Deus, mas se manifestam de forma diferente. De acordo com os protestantes, Deus planejou a salvação, o filho trouxe para o mundo a redenção e o espírito Santo vive naqueles batizados para assim continuar capacitando os pecadores.

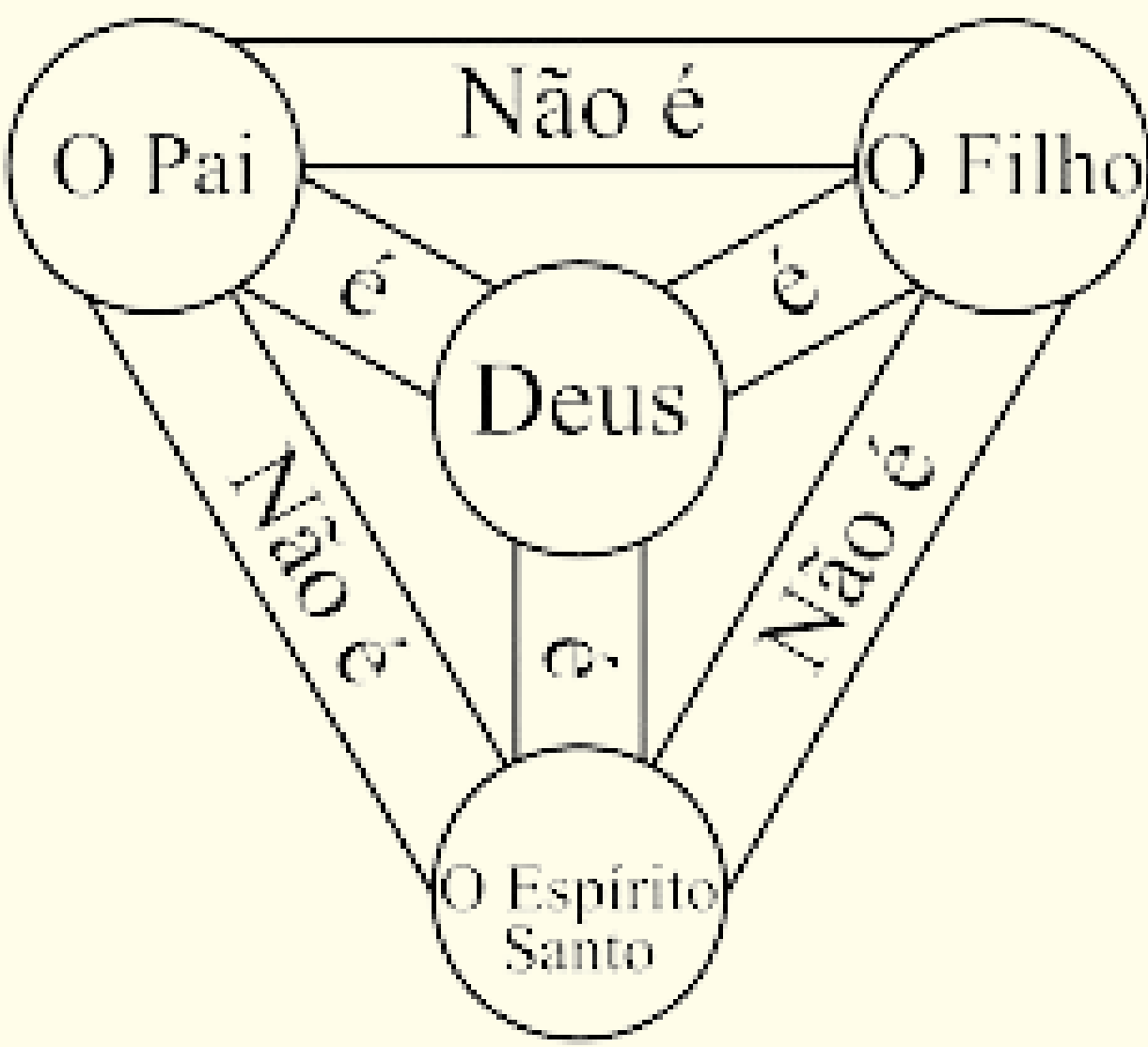


Ilustração que representa a Trindade. imagem retirada do Site Defendendo a fé.

Como o mundo foi criado?

Para os protestantes, o mundo se originou a partir da vontade do Deus pai. Deus teria criado o mundo em sete dias, desde os recursos naturais até o céu e a terra. Assim, fez também um jardim, conhecido como Jardim do Éden, onde viveram os primeiros humanos: Adão e Eva.

Entretanto, ambos caíram em pecado, sendo o pecado uma desobediência a palavra de Deus, dessa forma os humanos foram expulsos de um lugar de paraíso e paz para viver no mundo cheio de pecado, dominado pela inveja, angústia e caos. Um dos marcos mais evidentes do Cristianismo é o nascimento de Jesus Cristo. Cristo, como a segunda pessoa da Trindade, é visto como o Verbo que se fez carne.

O Filho de Deus que foi dado por Deus para viver no mundo, experimentado os mesmos pecados e tentações de um ser humano comum para morrer aos 33 anos pregado em uma cruz como forma de salvação dos demais filhos de Deus, para estes sejam restaurados e salvos de uma eternidade de dor.

Como se estruturam?

De acordo com o site da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), a IPB constitui-se de uma federação de Igrejas locais, com sede na Capital Federal, no qual podem eleger presbíteros a partir de assembleias. A função do ministério da Palavra de Deus e a administração dos sacramentos é ordinariamente atribuída a uma pessoa em cada congregação local, os chamados pastores, que são ministros do Evangelho, formados nos seminários da Igreja Presbiteriana do Brasil e ordenados após rigoroso processo de exames.

Enquanto isso, cada Igreja tem seu concílio, que se reúne a cada dois meses, e organiza seus próprios departamentos, como UCP (União de Crianças Presbiterianas), UPA (União Presbiteriana de Adolescentes), UMP (União de Mocidade Presbiteriana)/

O papel do homem e da mulher

O papel do homem e da mulher está escrito na Bíblia, um livro escrito e tido como base para o Cristianismo. A Bíblia é tida como sagrada e tem cerca de 66 livros que foram escritos em um período de mais ou menos 1.600 anos. De acordo com os Cristãos, a Bíblia é a palavra de Deus escrita, ou seja, os pensamentos de Deus foram colocados na mente de homens para serem escritos em palavras que fossem visíveis a olhos humanos.

O livro se divide em dois: Velho testamento, que é visto como uma previsão da vinda de Cristo e novo testamento, que conta desde os passos de Jesus Cristo até como seria o fim do mundo, no livro de Apocalipse.

De acordo com a Bíblia, o papel do homem é ser um marido, um pai, um líder de Igreja. Afinal, Deus teria criado os humanos como sua imagem e semelhante, tornando tanto o homem quanto a mulher como colaboradores de Deus, com diferentes papéis e funções. A mulher deve ser alguém de plena confiança para aqueles ao seu redor, alguém que lute pela justiça e edifique a sua casa por meio da fé.

“Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede ao de rubis.”

Os ritos

O batismo é o ritual mais importante da fé Cristã, é um sacramento no qual o lavar com água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, significa e sela a nossa União com Cristo, a participação das bênçãos do pacto da Graça, e o compromisso de pertencermos ao Senhor Jesus. É um ato ou simbolismo público da fé. Nesta definição de Batismo como símbolo de fé, podemos destacar : O batismo é um Sacramento: O termo “Sacramento” significa algo que é Santo, ou seja, um sinal visível de algo invisível, aquilo que os protestantes entendem como a salvação de uma eternidade de pecado.O batismo significa e sela a união do homem com Cristo.

Entretanto, mesmo dentro do Cristianismo há diferenças em relação ao ritual. Muitas Igrejas Batistas acreditam que é preciso estar totalmente submerso na água para o Batismo, enquanto a IPB não acha necessário. =



07.

O Judaísmo

O Judaísmo é a mais antiga das religiões monoteístas abraâmicas e tem sua origem associada às civilizações ribeirinhas da Mesopotâmia, mais especificamente as tribos nômades que circulavam na região. Segundo a crença judaica, Deus (*Hashem*) firmou uma aliança com Abraão tornando sua descendência uma grande nação, e a eles seria dada a terra prometida. O pacto foi posteriormente transmitido a Israel, neto de Abraão, que se tornou o pai dos doze fundadores das tribos de Israel, uma divisão crucial na estrutura da sociedade israelita. Como resultado, é instituído que todo judeu é indiretamente considerado um membro da tribo de Judá, um dos doze filhos de Israel.

Segundo a tradição legal do judaísmo, é considerado como judeu aquele nascido de mãe judia ou convertido através de um ritual, que pode apresentar variações a depender da vertente a que se refere, pois através do tempo, um processo de diferenciação no entendimento e aplicação das leis em consequência da antiguidade da religião se deu, resultando em subdivisões dos judeus ortodoxos, ultra-ortodoxos e conservadores.

Os judeus ortodoxos possuem uma abordagem mais conservadora e seguem rigidamente às leis e tradições religiosas, os ultra-ortodoxos representam uma abordagem ainda mais estrita e vivem, em sua maioria, em comunidades fechadas a fim de preservar suas identidades sociais.

Os judeus conservadores por sua vez possuem uma abordagem mais moderada em relação à interpretação das leis e tradições judaicas, aceitando algumas adaptações às práticas religiosas por entender uma mudança na sociedade.



Judeos ultra ortodoxos dançando durante celebração do ano novo judeu chamado “Rosh Hashana”
© Reuters

Apesar das diferenças descritas, todas as interpretações mencionadas são pelas regidas escrituras sagradas conhecidas como Tanakh, conjunto de escrituras sagradas que incluem a Torá, parte importante para a religião por conter os cinco primeiros livros da bíblia hebraica, onde narrativas como a criação do mundo segundo a fé estão descritas.

No livro de “Gênesis” os sete dias da criação são relatados, iniciando pela criação a luz e a separação das trevas; seguido pelo firmamento, ou "céu", no segundo dia; no terceiro o agrupamento das águas abaixo do céu, criando a terra seca e a flora; no quarto o sol, a lua e as estrelas; no quinto as criaturas aquáticas e as aves e no sexto os animais terrestres, o homem e a mulher à Sua própria imagem, dando a eles o domínio sobre todas as criaturas da terra. O sétimo dia foi quando Deus descansou, tornando-o santificado como um dia reservado para repouso e bênçãos.

Devido ao seu rico conteúdo, o Torá assume um papel influente na tomada de decisões inspirado nas instruções divinas dos 613 mandamentos nela descritos, constituindo a lei judaica chamada de Halacá. A leitura e interpretação dos textos sagrados são realizadas na sinagoga (templo judeu), onde os fiéis são orientados por um sacerdote denominado Rabino.

Ritos

Rituais fundamentais para a identidade e fé do povo judeu também compõem os ensinamentos passados nessas escrituras. O Brit Milá, por exemplo, carrega o simbolismo de toda uma linhagem com a realização do acréscimo do nome hebraico do pai a jovens judeus e procedimento da circuncisão feita por um especialista religioso (destinado também por novos convertidos). Já para as mulheres, um ritual de purificação denominado Mikvah é utilizado, mesmo que não exclusivamente, para novas convertidas, após o parto, após o período menstrual e antes de determinados ritos ou eventos.

A diferenciação nos rituais chamam atenção para outras dessemelhanças existentes entre homens e mulheres para a comunidade judia descritas nas escrituras. Mesmo que ambos possuam o mesmo valor perante a Deus, ao homem são atribuídas as propriedades chochmá, que pode ser traduzida como “sabedoria” e referem-se ao início de toda a vida, ainda sem significado ou forma, como uma semente; já biná é a propriedade associada às mulheres e pode ser traduzida como “entendimento”, a capacidade de dar significado e a sabedoria que envolve o processo de formação.

“Segundo essa crença, ambos dependem um do outro, pois a semente não pode germinar sozinha e sem a semente nada pode ser criado.”

Essas diferenciações fazem referência ao sexo biológico e acabam perpetuando as funções atribuídas na sociedade: os homens seguem mandamentos e atividades mais físicas e externos e as mulheres mandamentos mais privados, o que acaba dando contexto, por exemplo, a essência dos rituais descritos anteriormente.

Outra liturgia descrita nas escrituras que é fundamental é a oração. Apesar da existência de algumas “exclusivas”, como a Kadish, proferida em funerais e aniversários de falecimento, diariamente e três vezes ao dia, de forma individual ou em grupo, nos horários da manhã (Shacharit), a tarde (Minchá) e a noite (Maariv) são proferidas preces pelos fiéis. Especialmente nos dias de Shabat, ou o “dia sagrado de descanso” que ocorre semanalmente do pôr do sol de sexta-feira até o pôr do sol de sábado, os judeus se dedicam às orações, estudo religioso, comunhão familiar, além da participação em alguns serviços religiosos na sinagoga a fim de ter um dia “santificado” como está descrito nos mandamentos. Outro costume notável entre os homens judeus é o uso do kipá para cobrir o topo da cabeça como um sinal de respeito a Deus, que está acima de nós.

Datas importantes

Diversas festividades também constituem as tradições e a identidade social desse povo, como o ano novo judaico Rosh Hashaná; a Pessach (páscoa judaica) que celebra libertação do povo da escravidão no Egito, o Sucot que relembra a jornada do povo no deserto após a libertação e o Hanukkah, que celebra a rededicação do Templo de Jerusalém após a vitória contra os povos sírios com rituais como ascender velas em uma menorá espeial, o cantigo de hinos tradicionais e a troca de presentes.

Um importante detalhe da páscoa judaica é que durante esse período é proibido o consumo de alimentos fermentados, por isso o consumo de um pão sem fermento chamado Matzá é muito comum, especialmente durante a refeição chamada de Seder, quando a história do êxodo deste povo é lembrada abrindo as festividades pascais. Para além da Pessach, podemos notar no Hanukkah uma tradição alimentar voltada ao consumo de alimentos fritos, isso porque a alimentação é parte importante da liturgia judaica, especialmente para os ortodoxos e ultra-ortodoxos que consomem no dia a dia a comida Kosher, que consiste na proibição da mistura de carne e leite numa mesma refeição e em sua preparação, que é de responsabilidade da mulher.



Keará é consumido no primeiro dia dos rituais da Páscoa
© iStockPhotos

Considerações finais

É evidente o papel ímpar do Judaísmo como uma tradição religiosa ao decorrer dos longos anos de existência, servindo inclusive como influência para diversas outras religiões como o Cristianismo e o Islã. Apesar disso, muita desinformação sobre a religião estimulam e dão força a teorias conspiratórias sobre a comunidade, que infelizmente já resultaram em perseguições históricas como por exemplo o Holocausto, durante o regime nazista, que se utilizou de teorias conspiratórias que retratavam os judeus como responsáveis pelas guerras e crises econômicas a fim de fomentar o ódio contra esse povo.

Por isso, aprofundar os entendimentos sobre essa comunidade, entendendo melhor sua fé e seus costumes é essencial para combater estereótipos prejudiciais que têm sido associados à fé judaica ao longo da história.

Referências

ALCORÃO. 7:52. Saudita: Publicação Internacional, [Ano].

ARMSTRONG, Karen - A History of God. Vintage, 1999.

ARMSTRONG, Karen. Campos de sangue: religião e a história da violência. Editora Companhia das Letras, 2016.

CARLETTI, Anna; NOBRE, Fábio RF; FERREIRA, Marcos Alan SV. Relações internacionais e religião. Reflexões rumo a um contexto pós-laicista. João Pessoa. Editora UFPB, 2020.

COWARD, Harold; SMITH, Gordon S. Religion and peacebuilding. State University of New York Press, Albany, 2002.

FISAS, Vicenç. La Paz Es Posible. Barcelona, Spain: Intermon Oxfam, 2008

GALTUNG, Johan. An Editorial. Journal of Peace Research, Sage Publications, Vol. 1, Nº1, p. 1-2, 1962.

GALTUNG, Johan. Cultural Violence. Journal of Peace Research, Vol. 27, No. 3, p. 291-305, 1990.

GALTUNG, Johan. Peace by Peaceful Means: Peace and Conflict, Development and Civilisation. Oslo: PRIO, 1996.

GALTUNG, Johan. Transcender e transformar: uma introdução ao trabalho de conflitos. – São Paulo: Palas Athena, 2006.

GALTUNG, Johan. Violence, Peace, and Peace Research. Journal of Peace Research, Vol. 6, No. 3, p. 167-191, 1969.

JÚNIOR, A. B. O livro essencial de Umbanda. Editora Universo dos Livros, 2012.

LEDERACH, J. Paul. 2012. Transformação de Conflitos. São Paulo: Palas Athena Editora.

LEDERACH, J. Paul. A Imaginação Moral - Arte e Alma na construção da paz. São Paulo: Palas Athena Editora. 2011.

MANECO, P. *Rituais da Umbanda*. Disponível em: <<https://www.paimaneco.org.br/2013/05/06/rituais-da-umbanda/>>.

MCGAUGHEY, Douglas R. License. On Peace and „Religious“ Literacy: A Response to Ulrich Rosenhagen. Willamette University. 2019.

NAURATH, Elisabeth (2018): Frieden und Religion: Gewaltprävention durch religiöse und interreligiöse Bildung. Thema Jugend – Zeitschrift für Jugendschutz und Erziehung.

Referências

NICOLLE, David - Atlas Histórico del Mundo Islámico. Madrid:Edimat Libros, 2002.

Katholische Landesarbeits- gemeinschaft Kinder- und Jugendschutz NRW e. V. Nr. 1/2018 (H 9851).

OMER, Atalia. Religious Peacebuilding: The Exotic, the Good, and the Theatrical. IN: The Oxford Handbook of Religion, Conflict and Peacebuilding. Oxford University Press, 2015.

O livro das religiões / [editora Camila Werner]; [tradução Bruno Alexander]. – [2. ed.] – São Paulo: Globo Livros, 2016.

SILVA. Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005.

TOROPOV, Brandon; BUCKLES, Padre Luke. O Guia Completo das Religiões do Mundo. Madras Editora, 2006.

Galinkin Ana Lúcia. "JUDAÍSMO E IDENTIDADE JUDAICA." Interações, vol. 3, no. 2, 2008, pp.87-97. Redalyc, <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313027311006>

GOLBERG, D.J. & RAYNER, J. Os judeus e o judaismo. Rio de Janeiro: Xenon, 1989

GOLBERG, D.J. & RAYNER, J. Os judeus e o judaismo. Rio de Janeiro: Xenon, 1989





ISBN: 978-65-01-01190-5

CRL



9 786501 011905